

Desgaste antecipado preocupa Cardoso

Uma preocupação, além da formação do governo, assola o espírito de Fernando Henrique Cardoso neste período que separa a eleição da posse: o temperamento de Itamar Franco. Quando se reúne com a equipe econômica e não dá uma palavra sobre as razões do encontro e, no dia seguinte, faz questão de posar para fotografias no Palácio do Planalto ao lado do presidente e do ministro da Fazenda, Ciro Gomes, o presidente eleito manda duas mensagens: Uma externa, de prestígio a Ciro. Outra interna, de reverência a Itamar.

Na quarta-feira, em sua segunda reunião da semana com Itamar, Fernando Henrique nada mais fez do que relatar ao presidente o encontro do dia anterior com a equipe, aproveitando para deixar bem claro que não estimulava o noticiário dando conta de que estaria reassumindo o comando do Plano Real. Foi também explicar com muito jeito ao presidente que o fato de a área econômica se encontrar com ele nada tinha a ver com eventuais interpretações de que a equipe já teria, na prática, um novo chefe.

Administrar as particularidades de Itamar foi, nesses dois anos de governo, uma especialidade de Fernando Henrique. No momento de decidir, se deixava ou não o Ministério da Fazenda para se candidatar à Presidência da República, o grande problema dele enquanto tentava matar a charada que indicaria a escolha de um substituto ideal era justamente a capacidade de o sucessor "segurar" o presidente. Evitar atritos com os gerentes do plano econômico pelos quais Itamar nunca teve muita simpatia.

Pois bem, agora nessa fase, Fernando Henrique volta a se dedicar à mesma tarefa. Tirando o real respeito que o eleito dedica ao atual presidente, não querendo, portanto, desfrutar de um segundo sequer do mandato alheio, sobra ainda a constatação de que é pre-

ciso dose adicional de cautela para não deixar que rompantes de temperamento levem a erros cruciais agora.

Fernando Henrique avalia que se começar a palpitar na vida nacional já, Itamar pode ter duas reações: uma, no sentido de reforçar sua exposição perante à opinião pública com anúncio de decisões não compatíveis com os planos futuros do eleito; e outra, na direção da passagem tácita e antecipada do poder. Ou seja, teme-se no grupo de Fernando Henrique que Itamar entregue os pontos e o eleito tenha de começar, na prática, a governar.

Isso é tudo o que Fernando Henrique não quer, pelo simples fato de que não pretende assumir, daqui a dois meses, já dono de um bom índice de desgaste. Para exemplificar o raciocínio, tem sido usada uma comparação com um carro zero-quilômetro que, antes de ser entregue ao primeiro dono, tenha passado dois meses rodando para testes.

Essa é, portanto, a função social do silêncio a que se impôs o presidente eleito desde que se instalou efetivamente no comando da transição. Ele não quer, de uma hora para outra, ficar dando opinião sobre aumento do salário mínimo, reajuste de funcionalismo, reformas constitucionais e outras questões das quais só vai tratar — pelo menos publicamente — quando tiver de posse de seu governo e de sua equipe.

Essa estratégia levou à decisão de anunciar os nomes para o Ministério poucos dias antes da posse. Só que essa data, localizada entre os dias 25 e 31 de dezembro, já está sendo motivo de questionamentos entre a equipe de Fernando Henrique. Como um ministro teria tempo de formar sua equipe, sendo convidado em cima da hora? Ao mesmo tempo, o eleito não quer falar em antecipação antes de conversar com Itamar. Este poderá ser, aliás, o próximo tema de um encontro entre os dois.